



Veículo: Diário do Para		
Data: 02/04/2017	Caderno: Toda	Página: 18 - 19
Assunto: Pesquisa		
Tipo: Notícia	Ação: Espontânea	Classificação: Positiva

UMA VIDA DEDICADA À PESQUISA

APAIXONADA PELA TEMÁTICA DAS RELIGIÕES AFROBRASILEIRAS, ANAÍZA VERGOLINO FEZ E FAZ HISTÓRIA AO RESGATAR UMA HISTÓRIA INEXISTENTE PARA A LITERATURA

Por **Carolina Menezes**
Fotos **Balthazar Produções**

Anaíza Vergolino, é a primeira diretora mulher do Instituto Histórico e Geográfico do Pará (IHGP), e apaixonada desde a graduação pela temática das religiões afro-brasileiras. Ela passou um ano "internada" dentro do Arquivo Público pesquisando sobre a presença de contingente africano na região. "A literatura que havia na época, estou falando de 1966, 1967, dizia que quase não havia essa presença aqui, porque não tínhamos plantio de cana", lembra. Mas os meses a fio à procura de registros mostraram que a tal literatura estava errada. Em meio a mais de 40 mil documentos, ela conseguiu apurar várias informações sobre o tráfico de escravos durante o período pom-balino (1750-1777).

"Lembro que era tanto material que me dediquei a transcrever, manualmente mesmo, cada um dos documentos", relata. Ela não sabia que, com o tempo, aquele material seria corroído pelo tempo e as cópias que ela tinha feito se tornariam as originais de um levantamento que só seria publicado na década de 90. "O João de Jesus Paes Loureiro, então secretário de Cultura, ficou comovido de saber que eu tinha tudo aquilo e mandou copiar para gerar um novo banco de dados", explica. Alguns anos depois, já em 2011, ela foi convidada, pela colaboração que tinha, a compor o quadro social do IHGP e de lá não saiu mais.

"Eu ainda estava estudando, na graduação, e já achava aquele mundo [das religiões afro] fascinante. Meu mestre, o professor Napoleão Figueiredo, nos levava em atividades extraclasse para conhecer cultos, quando Cultura Brasileira ainda nem era disciplina obrigatória no currículo", recorda.

Nada então mais natural que ela enveredasse por esse caminho tão logo pudesse. E assim foi durante os seus 30 anos de atuação, e assim ela acabou fazendo da UFPA uma pioneira nesse campo de pesquisa.

"A minha vida inteira foi de pesquisa e resolvi me especializar na temática do negro. Encontrei um mundo maravilhoso, em especial no recorte da religião. Fiz disso a minha vida até me aposentar em 1993, 30 anos de universidade, 30 anos de pesquisa", derrete-se. Ainda orientadora e membro de grupos de pesquisa de estudos de religião de matriz africana da Universidade do Estado do Pará (UEPA), ela admite estar em fase de "devolução" de todo o conhecimento adquirido.

Desde 2011 à frente do IHGP, ela define o trabalho que faz como de organização e restauro da memória de grandes intelectuais que ajudam e ajudaram a contar a história da região. "Hoje estou em uma área documental dentro de um instituto que antecede, a criação da UFPA, que vai fazer 60 anos - enquanto o instituto tem mais de 100", explica. Ela conta que assumiu como missão reerguer a autoestima do órgão. "Somos mais que uma universidade. Resgatamos essa identidade cultural e científica, como forma de manter uma memória de todos os intelectuais do passado", reforça.



Ainda na graduação Anaiza começa a escrever uma história que a conduziria à presidência do IHGP. "A pesquisa foi a paixão de toda uma vida", afirma.

